

## O filme “Elementos” como ferramenta terapêutica Junguiana: Um relato de caso

The film “Elements” as a Jungian therapeutic tool: A case report

La película “Elementos” como herramienta terapéutica Junguiana: Reporte de un caso

Recebido: 03/12/2024 | Revisado: 05/12/2024 | Aceitado: 06/12/2024 | Publicado: 09/12/2024

**Handria Inandy da Silva Souza**

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-2704-7128>

Centro Universitário Maurício de Nassau, Brasil

E-mail: [handria.psic@gmail.com](mailto:handria.psic@gmail.com)

**Gabriela Stefani Moraes Lopes Santos**

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-0700-7436>

Centro Universitário Maurício de Nassau, Brasil

E-mail: [psicologa@gabrielastefani.com](mailto:psicologa@gabrielastefani.com)

### Resumo

A presente pesquisa versa sobre o uso da Arteterapia Junguiana no atendimento de psicoterapia a uma criança com demanda de agressividade em relação à mãe, após separação dos pais em cumprimento de Medida Protetiva Judicial por motivo de violência doméstica tipo psicológica. O acompanhamento da criança foi realizado na Clínica Escola de Psicologia da Faculdade Maurício de Nassau, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil, no primeiro semestre do ano de 2023. Trata-se de um caso clínico cuja intervenção foi realizada através da arteterapia à luz da Psicologia Analítica Junguiana. O objetivo deste estudo foi analisar a eficácia da arteterapia como ferramenta terapêutica infantil em casos de crianças que se sentem inseguras em falar sobre suas emoções impedindo a associação livre, a transferência e o acesso do subconsciente ao consciente. Foram realizadas sessões com a criança utilizando a arte como linguagem simbólica, não verbal e metafórica através do Filme Elementos e os Arquétipos identificados pela criança, além de outros materiais diversos para produção artística, possibilitando sua percepção comportamental, suas emoções e sentimentos em relação aos seus familiares e ao divórcio. Os resultados apontaram que a criança se expressava através da agressividade por sentir-se culpada, punida e sofrer alienação parental por parte do pai em relação a sua mãe.

**Palavras-chave:** Criança; Arteterapia Junguiana; Arquétipo; Alienação parental.

### Abstract

This research deals with the use of Jungian Art Therapy in the psychotherapy care of a child with a demand for aggression towards his mother, after the separation of his parents in compliance with a Judicial Protective Measure due to psychological domestic violence. The child was monitored at the Clínica Escola de Psicologia da Faculdade Maurício de Nassau, Vitória da Conquista, Bahia, Brazil, in the first half of 2023. This is a clinical case whose intervention was carried out through art therapy in the light of Jungian Analytical Psychology. The objective of this study was to analyze the effectiveness of art therapy as a child therapeutic tool in cases of children who feel insecure in talking about their emotions, preventing free association, transference and access from the subconscious to the conscious. Sessions were held with the child using art as a symbolic, non-verbal and metaphorical language through the Film Elements and the Archetypes identified by the child, in addition to other diverse materials for artistic production, enabling his behavioral perception, his emotions and feelings in relation to his family members and the divorce. The results showed that the child expressed himself through aggression because he felt guilty, punished and suffered parental alienation from his father in relation to his mother.

**Keywords:** Child; Jungian art therapy; Archetype; Parental alienation.

### Resumen

La presente investigación aborda el uso de la Arteterapia Junguiana en la atención psicoterapéutica de un niño con demanda de agresión hacia su madre, luego de la separación de los padres en cumplimiento de una Medida de Protección Judicial por violencia doméstica psicológica. El seguimiento del niño se realizó en la Clínica Escuela de Psicología de la Facultad de Psicología de la Facultad Maurício de Nassau, Vitória da Conquista, Bahía, Brasil, en el primer semestre de 2023. Se trata de un caso clínico cuya intervención se realizó mediante arteterapia a la luz de Psicología Analítica Junguiana. El objetivo de este estudio fue analizar la efectividad de la arteterapia como herramienta terapéutica infantil en casos de niños que se sienten inseguros al hablar de sus emociones, impidiendo la libre asociación, transferencia y acceso del subconsciente al consciente. Se realizaron sesiones con el niño utilizando el arte como lenguaje simbólico, no verbal y metafórico a través de los Elementos Cinematográficos y los Arquétipos identificados por el niño, así como otros materiales diversos para la producción artística, posibilitando su percepción conductual, sus emociones y

sentimientos en relación con su familia y divorcio. Los resultados demostraron que el niño se expresaba a través de la agresión porque se sentía culpable, castigado y padecía alienación parental por parte de su padre en relación a su madre.

**Palabras clave:** Niño; Arteterapia Junguiana; Arquetipo; Alienación parental.

## 1. Introdução

O atendimento psicoterapêutico com criança requer habilidades e conhecimentos diversos a fim de mergulhar no mundo infantil, pois, existe uma dificuldade para a criança expressar através de palavras suas angústias e sofrimentos, sendo necessário que o terapeuta busque recursos lúdicos no setting terapêutico que possibilitem a associação livre, transferência e interpretação para fazer consciente o inconsciente (Campello, 2024).

Este estudo relata o caso de uma criança em atendimento de psicoterapia na Clínica Escola de Psicologia da Faculdade Mauricio de Nassau na cidade de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil, durante o primeiro semestre do ano de 2024. A principal demanda do paciente foi um comportamento agressivo com sua genitora após separação dos pais. O paciente mostrou-se introspectivo e incomodado em falar sobre o divórcio, fechando-se para qualquer diálogo sobre o assunto e seu comportamento com mudança expressiva através de rompantes de raiva aparentemente direcionada principalmente a sua mãe.

Desta forma, este trabalho busca relatar uma das técnicas terapêuticas baseadas na Arteterapia Junguiana (Psicologia Analítica – Carls Jung) como ferramenta eficaz utilizado no setting terapêutico, o qual desempenhou papel norteador para que a criança trouxesse suas demandas emocionais reprimidas, auxiliando desta forma o seu processo de regulação emocional.

Esta ferramenta escolhida para sua aplicabilidade neste caso permite que a criança experimente momentos imaginativos e desperte sua criatividade levando-o a elaborar uma representação de Si a partir de suas vivências, seus sentimentos e suas emoções, pois, através da arte é possível acessar suas angústias, arquétipos e sentimentos oprimidos. Assim, os recursos de Arteterapia Junguiana foram aplicados conforme a demanda do paciente, sendo destacada neste artigo a primeira delas: o filme “Elementos”, produção Pixar, 2023, o qual foi trabalho os personagens do longa-metragem como arquétipos do sistema familiar da criança e a simbologia das emoções de cada um deles (personagens-Arquétipos-emoções) sendo possível um mergulho ao subconsciente de maneira suave e efetiva.

Elementos é um filme de longa-metragem da Pixar indicado ao Oscar 2024. A produção é uma história sobre uma sociedade onde Ar, Fogo, Terra e Água precisam conviver em um mesmo local, a Cidade Elemento, na qual esses quatro elementos da natureza vivem em harmonia.

A história gira em torno da personagem Faísca (fogo), uma jovem impetuosa, com um grande senso de humor e apaixonada pela família, filha de imigrantes da Cidade do Fogo, mas que tem um temperamento um pouco quente; Gota (água) é um jovem empático, observador e extrovertido, que não tem medo de demonstrar suas emoções - na verdade, é até um pouco difícil controlá-las e desafia as crenças sobre o mundo onde vivem para conseguir ficarem juntos; Turrão (terra) é um garoto muito inteligente, sempre feliz e sorridente que está sempre perto de Faísca; e Névoa (ar), que tem uma personalidade fofa e rosa, está sempre atenta às tendências da moda e é fã dos Windbreakers, um time de Air Ball, também é chefe do Gota, e se apresenta com liderança, firmeza e tomada de decisões.

A animação traz à tona questionamentos de relações familiares e suas tradições bem como alguns padrões comportamentais, as quatro emoções, temperamentos e suas personalidades individuais. Os quatro Elementos possuem forças e fraquezas que são afetadas pela presença um dos outros. Enquanto lidam com suas rotinas, eles também precisam saber quando evitar um determinado elemento fará bem ou tal, caso isso acontecesse.

Além disso foram realizadas intervenções com produções artísticas utilizando materiais lúdicos diversos, como argila, sementes, vela, fósforo, botões, água, folhas, lantejoulas etc. A intenção é relacionar os arquétipos aos materiais envolvendo os

quatro elementos à produção artísticas a fim de que o terapeuta possa entrelaçar a criatividade, simbolismo e trabalhar metaforicamente a fim de que o subconsciente da criança possa ser acessado de maneira leve.

É importante destacar que cabe ao terapeuta utilizar a palavra de forma não abusiva durante sua intervenção, ao desenvolver os processos expressivos, tendo em vista que o excesso de palavras pode dificultar a atividade e o aprofundamento da psique. O terapeuta, pode então, ao fim da atividade expressiva empregar a sua palavra com mais produtividade, com a finalidade de expressar as vivências subjetivas com mais profundidade (Feu, 2022).

Reconhecer, aplicar e analisar os resultados das técnicas aplicadas neste relato de caso aplicada a crianças no setting terapêutico auxiliará aos psicólogos infantis no trato de forma lúdica e efetiva, sobre o subconsciente da criança revelando suas mais profundas emoções através das artes de forma divertida, aliada a um diálogo sobre a demanda do paciente.

O objetivo deste estudo foi analisar a eficácia da arteterapia como ferramenta terapêutica infantil em casos de crianças que se sentem inseguras em falar sobre suas emoções impedindo a associação livre, a transferência e o acesso do subconsciente ao consciente.

## **2. Metodologia**

Realizou-se uma pesquisa descritiva, de natureza qualitativa e do tipo estudo ou relato de caso (Toassi e Petry, 2021; Pereira et al., 2018; Yin, 2015).

Esta pesquisa contou com apoio de revisão bibliográfica secundária, do tipo revisão narrativa (Rother, 2007; Cavalcante & Oliveira, 2020; Casarin et al., 2020) não sistemática e, que é o tipo mais simples de revisão e com menos requisitos. O presente estudo contou com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) permitindo a divulgação de informações do paciente para fins científicos e, com respeito às questões éticas por meio de aprovação em comitê de ética.

## **3. Relato de Caso**

O estudo de caso, foi desenvolvido em um paciente de 8 anos, sexo masculino, filho único, oriundo de uma família, vítima da violência, seguidamente da separação dos pais por meio de Medida Protetiva Judicial, o que, agrava ainda mais a situação emocional da criança, que geralmente se sente culpada e tende a escolher um dos lados provocando ainda mais tristeza, angústia e baixa autoestima, sendo refletida em comportamento agressivo, interferindo em seu bom convívio social e familiar, em especial, sua relação direta com a genitora.

Desta forma, foram realizadas 14 sessões, com duração de 50min cada, sendo 03 (três) delas devolutivas com a mãe, durante o Estágio Supervisionado na sede da Clínica Escola de Psicologia da Faculdade Mauricio de Nassau, Vitória da Conquista Bahia, entre os dias 10/03 e 13/06/2024.

Das técnicas aplicadas utilizaram-se ferramentas da Arteterapia Junguiana, como contação de história, filme os “Elementos”, colagem, pintura com giz de cera, nanquim e aquarela, argila, papel de gramatura 180g e papel metro, hidrocor e lápis de cor. Cerceando a temática da regulação emocional, como queixa inicial, este artigo relata a experiência da aplicação e métodos terapêuticos da Arteterapia Junguiana através de análise dos Arquétipos do filme Elementos, referenciando-se aos quatro elementos da natureza como materiais de produção artísticas e as quatro emoções, sendo utilizados materiais de água, fogo, terra e ar e suas reflexões, interações e como resultado positivo o acesso ao subconsciente da criança de modo não invasivo e lúdico.

Todas as intervenções realizadas foram aplicadas conforme a demanda do paciente, e neste trabalho será destacada o simbolismo dos Arquétipos e o filme Elementos. Assim, em sua primeira sessão o paciente ao dialogar sobre seu lazer, disse ter assistido ao filme “Elementos”, a época ainda em cartaz nos cinemas, mostrando-se interessado e comunicativo ao

descrever partes da história do longa-metragem focando principalmente nos personagens. Desta forma, na sessão seguinte foi proposto ao paciente fazer um painel criativo com os personagens do filme “Elementos”, a intenção era trazer algo que ele já havia se identificado positivamente e refletir sobre os comportamentos de seus familiares em analogia aqueles Arquétipos conforme a leitura de cada personagem trazido por ele.

Buscando a ludicidade, na segunda sessão foram levadas pela terapeuta cartas impressas coloridas e plastificadas com a imagem separada de cada um dos personagens. Além disso foi também utilizado papel metro, canetas coloridas e giz de cera. Como em um cartaz, o paciente colocou cada figura uma ao lado da outra numa linha horizontal reta e devidamente identificadas com os respectivos nomes de cada um dos personagens. Em seguida foi sugerido ao paciente que escrevesse características de cada um dos personagens sendo elas identificadas como qualidades e defeitos. Como em um quadro dividido em linhas e colunas organizado pelo próprio paciente, as informações foram dispostas de modo cauteloso, pensativo, mostrando afincamento e diversão ao mesmo tempo. Ainda disposto a continuar a atividade, o paciente sugeriu inserir mais um aspecto ao painel: efeitos ruins que os Elementos (Fogo, Terra, Água e Ar) causam no ambiente e o que cada um traz de benefício para o planeta. Neste momento foi percebido que a criança associou os personagens fantasiosos a fatos e situações concretas.

Posteriormente, todas as informações escritas foram relidas pelo paciente e terapeuta, momento o qual lhe foi questionado: “se esses personagens fossem na verdade integrantes de sua família, quem seria cada um de vocês?”. Após a identificação estabelecida pelo paciente, ele comparou as características e comportamentos de cada um dos personagens aos integrantes de sua família (ele, mãe e pai) e o funcionamento relacional deles entre si. Nas sessões seguintes, dando continuidade a percepção da criança sobre as emoções e como lidar com elas e com os pais separados, foi proposto uma intervenção usando elementos de água, fogo, terra e ar. Conforme a seguir:

A Tabela 1 demonstra os elementos e seu significado

**Tabela 1 – Elementos.**

Imagem do Personagem	TURRÃO	NÉVOA	FAISCA	GOTA
Elemento	Terra	Ar	Fogo	Água
Qualidades	alegre, leve e paciente	Prestativo e forte	solidário, trabalhador, esforçado, amoroso e ativo	empática, sensível e carinhosa
Defeitos	sozinho	impaciente e raivoso	desastrado e nervoso	lamentosa e medrosa
Desastre natural	soterramento	Furacão	Chuva de meteoros	tsunami
Benefício ao meio ambiente	plantação (alimento)	Respirar	aquecer o mundo	hidrata as pessoas
Familiar	ninguém	pai	paciente	mãe
Personagem na história do filme	Sempre próximo de Faísca consegue enxergar nela o que ela ainda não percebe ser capaz.	Chefe do Gota. Divertida e firme ao mesmo tempo. Mostra-se em autoridade superior a Gota.	Filha única. Seu desejo é honrar o legado dos pais, mas repensa sobre muitas perspectivas diferentes.	Sensível, guia faísca a conseguir enxergar a si mesmo e suas potencialidades.
Arquétipo apresentado no filme	Gentil e carinhoso.	No trabalho é exigente e firme. Fora dele é divertida. Oscilação de humor (feliz e furiosa ao mesmo tempo).	Questionadora, destemida, sonhadora, tem explosão de raiva e teme decepcionar os pais.	Honesto e sentimental. Tem compaixão pelos outros.

Fonte: Autores (2024).

Materiais utilizados: Copo descartável transparente, Velas coloridas, Caixa de fósforo, água, purpurina, lantejoulas, botões, folhas plásticas, grãos de arroz, lantejoulas em forma de borboleta e folhas etc.

Procedimento 1: Com intuito de preparar seu consciente para acessar seu subconsciente, foi realizada uma Visualização terapêutica explicando que será feita uma “técnica de imaginação guiada” no qual ele descreverá o que vê

posteriormente. A criança fechou os olhos e foi guiada a imaginar um caminho claro, com jardim, flores, até chegar numa casa e adentrar, neste momento pode-se observar como é a casa, se ter portas, janelas, de que material é feito, cor, se sente cheiro, descrever os cômodos, se tem moveis, etc. até encontrar um cômodo que se sinta mais seguro, nele encontrará um baú, cheio de coisas, pedir para dizer o que tem lá, e dentro dele encontrará um objeto que chamara sua atenção, o que sente? Como é esse objeto? O que traz de sentimento, para que serve em sua vida atual. Deve escolher se leva consigo ou se deixa lá, sai do lugar, volta para a sala. A casa é a sua self.

Finalizada a prática inicial, foi proposto que ele produzisse uma arte com a consigna seguinte: Encher o copo com água até a borda; Colocar os materiais na água do copo (alguns afundarão outros ficaram sobrenadantes); Instruir e testar o uso do fosforo (mostrando segurança) e falar sobre os riscos de acidentes de uso de fogo sem supervisão de adulto; Acender a vela e demonstrar como deve deixar a cera escorrer sobre os materiais da boca do copo; Permitir que a criança realize caso se sinta segura; Preencher toda a boca do copo sob a água com a cera de vela derretida sem deixar fissuras; Aguardar secar e enquanto isso comentar sobre as sensações experimentadas e o que foi observado. Após secar retirar a parte derretida da vela como se fosse uma casca, observar a expressão da criança ao ver a arte e pedir para ela comentar a respeito. Para finalizar deve-se relacionar a atividade às demandas da criança e associar aos arquétipos do Filme Elementos os quais já se sabe que representam seus pais e a si mesmo.

Dando continuidade a produção “artística” que se estendeu por 5 encontros, foi trabalhado a emoção da raiva utilizando os elementos: terra e ar. Além dos materiais usados na sessão anterior foi acrescentado o uso da argila, toalha plástica, lenços umedecidos, gotas de água, grãos de girassóis, pedaço de papelão.

ELEMENTO TERRA E AR: Foi resgatada as imagens da casa da visualização terapêutica da sessão anterior; Explicar que pode ser criado o local da casa e tudo que ele quisesse que representasse a sua visualização. Observar as escolhas dos seus materiais e suas falas trazidas durante a sua composição. Pode-se sugerir amassar, sentir a terra, jogar com força no chão (forrado com toalha plástica para evitar sujeira). Ao jogar a argila no chão e amassar com força, a criança aliviou um pouco do estresse e da raiva contida, oportunidade que o paciente se sentiu a vontade a falar sobre o que o deixa com raiva. Assim, foi construído o “jardim de sua casa” (self) conforme ele visualizou na sessão anterior, ele descrevia o que tinha visto e decorava a argila, foi possível refletir sobre como todos os elementos (naturais e arquétipos) podem ser positivos se aproveitados em suas qualidades em doses certas. Fizemos analogia as emoções e os elementos.

A cada sessão os diálogos foram se tornando cada vez mais intensos, seguros, longos e confiantes. Sempre retomando as produções artísticas realizadas e seus arquétipos. Além da associação livre, psicoeducação a mãe e ao filho, as sessões de psicanálise infantil seguiram com fácil abertura após a ciclo de ferramentas terapêuticas junguiana aqui citadas. A prática lúdica usando o simbólico e os arquétipos proporcionou uma abertura ao paciente para se sentir confiante em falar sobre suas emoções e refletir sobre o divórcio dos pais.

#### **4. Discussão**

Arteterapia é um processo terapêutico que utiliza recursos artísticos como forma de expressão. Engloba conhecimentos da educação, das artes e da saúde. Esta transforma os materiais e cria imagens que estimulam a criatividade, a fim de possibilitar mudanças psíquicas (Silva, 2021). É uma ferramenta que estimula o lúdico e o desenvolvimento do potencial criativo, tornando-se libertador de autoestima e de autoconfiança. A arte, pela sua riqueza simbólica, é mestra em nos conduzir a rever o nosso olhar sobre nós mesmos e a criar campos de visão, novos pontos de vista sobre um conteúdo, conflito ou situação vivenciada. Certos saltos terapêuticos só são possíveis se recorrermos a formas indiretas, simbólicas, e não por isso menos poderosas, de expressão (Maciel, 2012, p.49).

A Arteterapia utiliza símbolos e imagens, os quais tem o poder de mergulhar dentro de nós, possibilitando a entrada em nossa alma e o resgate da nossa criança adormecida. Assim sendo, é capaz de nos transportar para as nossas dores mais profundas, medos, ansiedades e delícias, num processo de autoconhecimento; promovendo a saúde física e psíquica. Assim mesmo, é um processo preferencialmente não verbal, cuja via de acesso ao inconsciente é a imagem. Neste sentido, as imagens produzidas referem-se fundamentalmente a movimentos internos, as quais, funcionam como bússola, indicando as direções para onde a energia psíquica está se dirigindo. A produção simbólica vai confirmando estas pistas e sinais, permitindo que a consciência tenha o tempo necessário para apreender as mensagens contidas nas formas (Phillipini, 2011, pag.17).

Com a Arteterapia as crianças expressam-se de forma livre e simbólica, através do jogo, dos desenhos, da arte, dos contos de fadas, e muitas outras técnicas; as quais irão revelar seu contexto familiar, projeções e frustrações dos pais e seus medos e preocupações internas (Soares, 2023). Mesmo sem saber às vezes como expressar o que está acontecendo dentro deles, a Arteterapia auxiliou o paciente a poder se reconhecer e identificar suas emoções bem como o processo de separação de seus pais, permitindo-se refletir sem sentir-se culpado e sem julgamentos, auxiliará na expressão e no autoconhecimento (Vieira, 2021).

Quando se utiliza a arteterapia com crianças é importante buscar resgatar o potencial criativo de um Ser que muitas vezes se vê tolhido por normas de conduta familiar, social e escolar, que não lhes permite expressar o seu potencial criativo. A arteterapia contribui para o desenvolvimento da atenção, da criatividade, do equilíbrio integral, além de aumentar a autoestima, ajuda a recuperar a alegria de viver e a confiança em si mesma (Silva et.al, 2016).

Neste relato de caso, a criança se sentiu à vontade em vivenciar novos experimentos, de modo livre e criativo, permitindo-se de maneira leve acessar seu inconsciente através dos arquétipos e analogias subjetivas e simbólicas conduzidas pela terapeuta. novas hipóteses e Françoise Dolto trabalhou com crianças considerando os desenhos espontâneos e as modelagens por elas produzidos, como elementos principais para a sua análise, considerando essencial analisar as projeções espontâneas, Dolto não oferecia brinquedos à criança, uma vez que ela projetaria qualquer coisa naquele objeto, considerava que seria mais importante que a criança projetasse na sua própria produção (Soler; Bernardino, 2012 apud Silva et.al, 2016). Por isso, a criatividade longe das telas que a modernidade traz e afasta as crianças de sua criatividade e interações, foi bem recebida pela criança no setting terapêutico. Brincando, criando, se divertindo, sem eletrônicos, o paciente pode se conectar a sua self de maneira menos invasiva.

O paciente que havia chegado introspectivo, cauteloso e receoso de falar sobre suas angústias e principalmente sobre o divórcio e em particular sobre o pai, apresentou-se confortável em falar sobre suas emoções e de seus pais ao personificar cada um deles aos arquétipos que seu inconsciente apresentou através dos personagens do filme. Percebendo a possibilidade de se trabalhar os arquétipos para possibilitar a associação livre do paciente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre Psicanálise infantil e recursos terapêuticos, desembocando em estudos da Arteterapia Junguiana.

O paciente correspondeu aos meios simbólicos expressos pela arte, bem como a sua referência aos Arquétipos, podendo expressar sobre seus sentimentos mais íntimos. Isto é percebido quando a criança associa os personagens do Filme a cada um de seus familiares, comparando ações, comportamentos e aspectos positivos e negativos em suas relações de convívio entre si.

Sobre esta atividade o paciente identificou imediatamente a sua mãe como Gota (Água), tendo como defeitos ser lamentosa e medrosa. Das qualidades citou empática, sensível e carinhosa. Representando o desastre Natural escreveu: tsunami e como benefício ao planeta: hidrata as pessoas. Depois identificou a si mesmo com o personagem Faísca (fogo) sendo desastrado e nervoso. De suas qualidades disse que assim como o personagem é solidário, trabalhador, esforçado, amoroso e ativo. Como desastre natural citou: Chuva de meteoro, já como benefício ao planeta: aquecer o mundo. Seguidamente identificou o pai com o personagem Névoa (ar): impaciente e raivoso, sendo sua qualidade ser prestativo e forte. Como

representação de desastre Natural citou: Furacão. Enquanto o benefício para o planeta: Respirar. Por último, o paciente falou sobre o personagem Turrão (terra), que, segundo ele, não “parecia com ninguém da família”. Sendo o personagem com qualidades de ser alegre, leve e paciente. Como defeito disse ser sozinho e desastre natural: soterramento. Como benefício ao planeta: plantação (alimento).

Foi percebido então que o arquétipo Névoa (pai) foi citado pelo filho com atitudes do personagem que mostra liderança e autoridade. Que causa um “furacão” que “destrói tudo o que ver pela frente e deixa tudo desorganizado” (palavras da criança), fazendo referência aos gritos e violência física por parte do pai. Citou o estresse constante e tensão vividos em família quando em sua presença com atitudes grosseiras e uso de xingamentos constantes.

Já o personagem Gota (mãe) mostra-se medroso e muito sensível, em atitudes que muitas vezes precisava de auxílio para agir. Simbolicamente, associou o “hidratar” a mãe, aquela que acolhe no seu momento de sede (raiva), e é flexível, mas que “também “inunda” quando transborda, fica cheia, e vai para todo lado” (palavras da criança), e citou o momento em que a mãe chora muito, e não sabe o que fazer, fica triste e sem rumo. Pode-se interpretar então a fragilidade da mãe vítima da violência psicológica e de sentir-se sozinha sem saber qual atitude tomar diante do comportamento agressivo do filho após a separação. O que de fato confirmou-se em sessão de devolutiva com a genitora. Assim como o personagem Gota a mãe precisa ser guiada e apoiada para tomar atitudes e decisões, e no filme este personagem recorre a Névoa (que a criança identificou como o pai), mas também apoia, acolhe e ama Faísca (personagem que a criança se identificou).

O paciente se reconheceu no Arquétipo de Faísca (fogo), destacando comportamento de sentir-se cobrado em suprir as expectativas dos pais, mas não conseguir e “explodir de raiva”. Este arquétipo apresenta-se no filme como aquele que busca honrar os pais e ao mesmo tempo quebrar as tradições unindo os diferentes, aquele que soma, que luta, mas que também explode, se desregula, fica nervoso. O fogo também “queima, incendeia ferozmente e machuca quando descontrolado” (palavras da criança) O personagem Terra foi citado com um arquétipo não identificado entre os membros da família, chamando a atenção para a terapeuta de que havia naquela família ausência de alegria, leveza e solidariedade.

Dando seguimento ao atendimento específico nesta sessão, a criança foi conduzida a exemplificar atitudes e comportamentos dos personagens que pareciam com os pais e consigo mesmo. Isso facilitou a associação livre, na qual ele conseguiu exemplificar atitudes referentes a cada qualidade e defeitos dos personagens e de seus pais. Ao citar acontecimentos de seu dia a dia no convívio familiar e as interações com seus pais, foi possível traçar um plano de intervenções para as próximas sessões.

Outro ponto importante trazido pela criança no setting terapêutico foi a identificação de emoções de cada um deles associados aos Arquétipos apresentados no filme Elementos. Destaca-se que a si mesmo fez referência a emoção Raiva. Porém, no que diz respeito ao pai, ainda houve resistência em sua fala em alguns aspectos, motivo pelo qual a sessão seguinte foi dedicada a trazer segurança para o paciente acessar suas emoções em relação ao pai e ao divórcio. As intervenções as quais foram utilizadas produções “artísticas” trouxe o inconsciente à tona e a criança pode perceber comportamentos agressivos e ofensivos do pai em relação a mãe e a ele enquanto filho, bem como jogos de manipulação emocional e controle sobre a vida da ex esposa mesmo estando separados.

Quando realizada atividade de colocar materiais diversos para sobrenadar na água no copo plástico transparente, a criança observou que alguns deles afundavam e quando finalizada atividade após derreter a vela estes materiais não tinham como aderir a cera pois não estavam sobrenadantes. Um destes materiais foi o botão, e quando perguntado sobre o que ele sentiu ao colocar o botão e ele cair, ele disse que “sabia que o botão não ficaria boiando, mas que não esperou na verdade que ele afundasse, por isso decidiu pegar materiais que podia ficar boiando”.

Em reflexão a respeito desta questão, ele disse sentir frustrado ao perceber que os materiais afundavam e associou isto as “palavras do pai” que são “pesadas” como xingamentos feitos à mãe, associou ainda este “peso” às “mentiras” que o pai

conta “usando-o para vigiar a mãe”. Neste instante relatou fatos os quais o pai pedia que ele tirasse fotos e fizesse vídeos da moto do namorado da mãe e de outros eventos familiares.

A intervenção terapêutica trouxe a questão de sermos responsáveis por nossas atitudes e podermos melhorar nosso comportamento em relação a outras pessoas. A criança associou a reflexão de que as “nossas palavras e atitudes ferem os sentimentos dos outros e pode ferir a nós mesmos”. Quando questionado o que ele aprendeu com o fato de ter feito outras escolhas de materiais que ele já sabia que “dariam certo” estando condizentes com suas expectativas, a criança disse que é assim com ele, quando ele escolhe coisas que não machucam ele. Questionei se os pais, ou adultos de seu convívio família também já fizeram estas escolhas, de estar perto de pessoas, ou de lugares, ou coisas que não machucam eles, ele disse que “sim”. Imediatamente a criança retrucou: “mesmo meu pai gritando comigo e brigando muito, eu o queria perto”. Queria que não se separassem”. Neste momento a sua fala foi acolhida. E para finalizar a sessão retornou-se a sua produção artística ele disse ter se divertido e gostou de fazer “algo bonito e divertido”. Finalizamos a sessão com a conclusão de que isso acontece na vida, às vezes experimentamos situações ruins e ainda assim podemos perceber outras coisas boas acontecendo a nossa volta.

Na sequência desta sessão a criança relatou que o namorado da mãe o trata bem, mas que ele gosta do pai. Demonstrou sentir-se culpado por estar feliz em momentos com a mãe sem a presença do pai. O produto artístico estava brilhante e colorido, ele mostrou-se satisfeito em manipular o fogo (fósforo e vela com supervisão da terapeuta). Foi refletido sobre os papéis benéficos e maléficis do “fogo/raiva, de seu poder “destruidor/transformador”. A criança teve oportunidade de dizer quando e porque sente raiva e de que forma ela se manifesta fisicamente. Disse que o rosto fica quente e ele sente vontade de gritar.

O paciente pediu para experimentar acender a vela e o fósforo para depois e mergulhá-los na água. Ele expressou decepção, pois imaginava que o fogo fosse “vencer” a água. Simbolicamente trabalhou-se o fogo (ele) e a água (a mãe) que se equilibram. Ele percebeu que a mãe não era “fraca” por chorar assim como Gota, e que o comportamento dela acalma a raiva dele. Então foi pedido para fazer mais experimentos, quis misturar a purpurina em grãos com água e ficou sobrenadante, já a purpurina orgânica ficou sem misturar nada com a água sobrenadante, pediu para inserir o palito de fósforo e falou que era “incrível que mesmo cheio de purpurina ao afundar o palito na água ele não se dissolve deixando a água limpa no fundo”, o mesmo aconteceu com a colher quando usou para mexer: sujou a colher, mas não misturou com a água.

Refletimos que às vezes isso acontece com pessoas, como se elas pudessem viver juntas, mas não conseguissem se “misturar” e formar algo novo. Como a purpurina que não misturou na água, mas aderiu a cera da vela e se transformou em algo bonito. Assim são as pessoas com as quais convivemos, às vezes elas são melhores e mais felizes sem viverem juntas (misturadas). Cada uma com sua individualidade, seu passado, mas construindo um futuro diferente e novo. A criança disse: “assim como meus pais? Mas eu os queria juntos no mesmo lugar mesmo sem se “misturar”.

Na sessão posterior foram trabalhados os elementos/arquétipos/emoções(sentimento): Terra/Torrão/Alegria e Ar/Névoa/Autoritarismo. Iniciou-se a sessão lembrando sobre o que foi percebido por ele na visualização terapêutica. A criança descreveu que o caminho do jardim era feito com pedrinhas claras e arredondadas bem definidas, que a casa tinha janelas quebradas, telhas quebradas com furos e parecia uma casa antiga. Tinha cômodos com poucos móveis e o lugar mais aconchegante era o quarto onde tinha o baú. Dentro dele tinha materiais de alumínio como partes de bicicleta, borracha de pneu, vários objetos diferentes e um celular funcionando. Quando perguntado o que pegaria para si daqueles materiais no baú ele respondeu “o celular, porque ele poderia ligar para a mãe dele.”

O material que mais chamou atenção ao reconstruir a casa e o jardim foi o girassol, ele se lembrou que certa vez tentou plantar girassol, mas ele molhou demais fazendo com que nunca nascesse. Refletimos sobre como todos os elementos (emoções/pessoas) podem ser positivos se aproveitados em suas qualidades em doses certas. A criança apresentou facilidade em lidar o simbólico, e quando trabalhada a Terra e Ar, conseguiu “descarregar” o estresse na argila jogando-a com força

diversas vezes ao chão antes de moldá-la. Ao escolher materiais, chamou atenção o fato de ter a semente de girassol como o “tesouro no Baú”. Enterrou a semente.

Faz referência então a mãe como apoio emocional, pois foi a pessoa a quem ele pensou em ampará-lo, bem como sua relação a semente de girassol como o tesouro. A semente como algo que “produz, que se conecta com a terra”, comparando ao que ele trouxe em seus arquétipos, o personagem turrão é alegre, aquele que está sempre presente e disposto, bem como ao benefício ao planeta Terra que seria “plantar, produzir, nutrir”. Mas que também traz o “prejuízo chuva de meteoros”, no caso quem era responsável pela separação. Nesta sessão o paciente relatou que o pai saiu de casa porque a mãe chamou a polícia para tirá-lo dela (fato este dito pelo pai e mostrado em imagens da câmera de segurança da casa). Sem mais delongas, pôs-se a decorar seu “jardim”.

Iniciou pelo caminho (estrada) de pedras usado com as sementes de girassóis, depois usou a purpurina verde, pediu mais, e como não tinha usou a dourada, usou apenas dois ramos de folhas para representar as árvores, usou moldes de borboletas e algumas pedras simulando cristais e os quais ele disse que parecia espelhos. Ao final ele se deu conta de que faltou “os olhos”. Decidiu colocar dois olhos (objeto de artesanato que estava exposto entre os materiais) e disse: “agora sim meu jardim pode ver tudo”.

Pode-se fazer uma leitura dessa dinâmica de que a criança estava na fase de produzir algo de bom, de buscar por brilho, alegria de ver e ser visto, de se olhar para dentro. Então pediu para colocar uma vela acesa na arte e que as luzes da sala pudessem ser apagadas. Indicando sentir-se parte deste processo, se percebendo ser o “fogo” que ilumina, que brilha no escuro.” Por último indagou: “tudo apaga o fogo? Água, terra e ar?” Conversamos sobre o fato de a combustão precisar do oxigênio para queimar. E o fato de que cada um de nós, assim como os Elementos temos nossas habilidades e nossas fraquezas, sendo o mais importante buscarmos o equilíbrio.

Quando finalizada sua arte, foi questionado sobre o que mais o desagradou, sendo respondido que a cor de purpurina que usou, ele preferiria ter usado mais verde em vez de dourado porque ficou “apagado”. Sobre a casa visualizada disse ter ficado com um pouco de medo porque o “teto” podia cair. Pode-se fazer a leitura ao seu momento em família e seu lar estar inseguro emocionalmente. Como a produção de material artístico precisa do “ar” para secar, o material produzido foi deixado na sala de terapia.

Segundo Shuderlan (2005) “para as crianças, a linguagem cotidiana não é a linguagem natural do sentimento. Para elas, a linguagem natural do sentimento é a linguagem da imagem e da metáfora, como em histórias e em sonhos.” Por isso, o recurso de contar história terapêutica proporciona uma porta aberta ao mundo interior da criança.

Shuderlan diz ainda: “uma história terapêutica faz com que a criança seja capaz de conviver com seus sentimentos perturbadores, intensos ou dolorosos demais, por um tempo que lhe permita pensar sobre o que está acontecendo, quando sua primeira inclinação é fugir. Isso é possível porque a imagem metafórica à criança meios para observar seus sentimentos de uma “distância segura”. (ibidem 2005, pag. 30).

Durante as intervenções, a terapeuta diligenciou as reflexões através desta linguagem natural de sentimento, utilizando-se da própria vivência da criança, no caso o Filme Elementos que ele assistiu, para trabalhar de modo metafórico seus sentimentos íntimos não acessível até aquele momento, por temer falar ‘mal da mãe ou dopai’. A ferramenta utilizada de arteterapia proporcionou essa “distância segura”, permitindo que ele pudesse falar sem medo de ser julgado.

A criança mostrou-se mais aberta a falar sobre o divórcio, e na sessão seguinte apresentou-se bastante chateado com a mãe, pois havia discutido em casa. A mãe solicitou que a terapeuta conversasse com seu filho sobre o fato de a “mulher ter uma lei que pode prender o homem e o homem não”. A criança com ar de fúria disse: “eu quero saber por que a mulher pode “inventar” que o homem fez algo com ela e mesmo assim ele ser preso”.

Deste fato observa-se que a criança havia passado o fim de semana com o pai e ele disse que ele lhe mostrou um vídeo do Instagram de um homem falando que a sua mulher mentiu na delegacia a esse respeito e ele foi preso sem motivo. Foi conversado sobre a Lei Maria da Penha, sobre vulnerabilidade da mulher e questões de gênero em geral, bem com os tipos de violência e os procedimentos legais que podem levar a Medida Protetiva Judicial. Com cautela e na linguagem acessível a criança pode entender um pouco sobre este assunto.

Ao longo das sessões pode-se observar pensamentos machistas e depreciativos em relação as mulheres trazidas pela criança quando em visita ao pai. Ressalta-se que, estes comportamentos agressivos em relação a mãe e indagações machistas foram trazidas ao setting terapêuticos após visita e contato com o pai. Estas intervenções e suas respostas positivas pelo paciente permitiram guiar o terapeuta quanto ao plano de trabalho a ser desenvolvido no setting terapêutico, bem como analisara as verdadeiras demandas da criança.

No caso em questão observou-se o apego ambíguo em relação a mãe, culpabilização pela separação dos pais, autopunição por ser manipulado pelas chantagens emocionais de maneira controladora por parte do pai (a criança relatou que o pai disse: “você me traiu! Está se divertindo com esse homem com quem a sua mãe está agora” e teve um comportamento de “gelo” afastando-se totalmente da criança por 1 mês), baixa autoestima ao ouvir desqualificações morais sobre a mãe ditas pelo pai, como xingamentos de “vagabunda” e sobre deprecição sobre as mulheres em geral, fomentando uma confusão sobre seus sentimentos em relação a mãe e as mulheres em geral, percebendo-se necessário “tomar partido entre o pai ou a mãe”, desencadeando em comportamento agressivo com a sua genitora.

Destaca-se um fato importante a ser levado em consideração que se trata da fala do paciente de que o próprio pai lhe mostrou o vídeo de segurança da casa mostrando ao filho a chegada de oficiais da justiça trazendo-lhe a ordem de medida protetiva, sendo dito por este a ‘a mãe fez isso com ele.’ Sendo que, a pedido da genitora, o fato se desse em horário em que a criança não estivesse em casa, preservando a criança deste a situação difícil. Observa-se então que o genitor, quando em contato com a criança, seja por meio telefônico ou presencial, tenta “programar” a criança para que “odeie”, a mãe sem justificativa plausível, de modo que a própria criança ingressa numa trajetória de desmoralização desse mesmo genitor.

Segundo Velly (2010), o filho pode assumir uma postura de se submeter ao que o alienador determina, pois teme que se desobedecer ou desagradar, poderá sofrer castigos e ameaças. A criança criará uma situação de dependência e submissão às provas de lealdade, ficando com medo de ser abandonada do amor dos pais. Ocorre um constrangimento para que seja escolhido um dos genitores, trazendo dificuldades de convivência com a realidade, entrando num mundo de duplas mensagens e vínculos com verdades censuradas, favorecendo um prejuízo na formação de seu caráter. Podemos dizer que o alienador "educa" os filhos no ódio contra o outro genitor, seu pai ou sua mãe, até conseguir que eles, de modo próprio, levem adiante esta situação.

Desta forma, após as intervenções aqui relatadas, percebe-se a necessidade de trabalhar regulação emocional, educação de gênero e a possibilidade de alienação parental sofrida pela criança por parte do pai em relação a mãe.

## 5. Conclusão

A criança no setting terapêutico muitas vezes resiste a falar sobre seus sentimentos ou não sabem como fazê-lo, por vezes sentem-se como se estivessem “traíndo” os pais por falar deles a outra pessoa e isto dificulta a associação livre necessária para a evolução da terapia. A Arteterapia Junguiana traz diversas opções de acessar estes sentimentos de modo menos invasivos para a criança e de maneira divertida, leve e segura. Neste relato de caso, a criança resistia a falar sobre o pai, o divórcio e a medida protetiva. A proposta de utilizar a história do filme Elementos e trabalhar os arquétipos de cada personagem facilitou o diálogo entre paciente e terapeuta.

Por isso usar a história dos personagens do filme Elementos nas sessões terapêuticas trouxe segurança ao paciente para que pudesse falar de seus sentimentos e sobre seus pais. Como se ele sentisse que ao observar a vida deles, o comportamento deles não se estaria olhando diretamente para as situações próprias. Protegendo-a da exposição direta e de todo embaraço e vergonha que as questões lhe trazem. Como diz Shuderlan: “uma história terapêutica não tem nenhum gosto de julgamento”.

Como não se sente julgada a criança pode associar os personagens da história simbolicamente as pessoas, coisas e fatos vivenciados em sua rotina, sendo então possível acessar suas emoções e demandas terapêuticas, auxiliando o terapeuta a traçar um plano de intervenção junto a criança e trabalhar a psicoeducação junto aos pais e familiares cuidadores.

A ferramenta das artes como intervenção terapêutica torna as sessões não só divertidas, mas também leves e dinâmicas. Além de proporcionar ao terapeuta um caminho a seguir quanto as demandas mais importantes que a criança apresenta e não consegue externa através do diálogo direto.

A Arteterapia permitiu a associação livre, transferência e segurança ao paciente de expressar-se de modo leve, lúdico e menos invasivo, podendo o terapeuta perceber que a queixa principal de sua demanda terapêutica, tratava-se na verdade de reação a alienação parental por parte de seu pai à sua mãe.

## Referências

- Aberastury, A. (1982). *Psicanálise da criança – Teoria e Prática*. Artmed.
- Campello, L. P. (2024). Costuras, Entrelinhas e Entrelaces: *psicologia junguiana e o cuidado em saúde mental*. Folio Digital.
- Casarin, S. T. et al. (2020). Tipos de revisão de literatura: considerações das editoras do Journal of Nursing and Health. *Journal of Nursing and Health*. 10(5). <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/enfermagem/article/view/19924>.
- Cavalcante, L. T. C. & Oliveira, A. A. S. (2020). Métodos de revisão bibliográfica nos estudos científicos. *Psicol. Rev.* 26(1). <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2020v26n1p82-100>.
- Countinho, V. (2013). *Arteterapia com Crianças*. Rio Janeiro: Wak. Jacoby, Mario. *Psicoterapia Junguiana e a Pesquisa Contemporânea com Crianças*. Ed. Paulus, 2012.
- Guilherme, G., Greinert, B. R. & Milani, R. (2017). Alienação parental e narcisismo nos vínculos familiares: estudo de caso. *Enciclopédia Biosfera, Centro Científico Conhecer - Goiânia*. 14(25), 1404-16. <https://conhecer.org.br/ojs/index.php/biosfera/article/view/944>
- Jaffé, A. (2008). O simbolismo nas artes plásticas. In: Jung, Carl G. *O homem e seus Símbolos*. Editora Nova Fronteira, 2008.
- Tanaka, C. (2016). Pintando a vida. <http://pintandoavida.blogspot.com.br/p/o-que-e-arteterapia-como-funciona-qual.html>.
- Dolto a partir de seus casos clínicos. *Estilos da Clínica*. 17 (2). DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v17i2p206-227>. A prática psicanalítica de Françoise Dolto a partir de seus casos clínicos | *Estilos da Clínica*.
- FEU, D. K. A; ARRIGONI, S S. (2022). Biblioterapia: o texto certo na hora certa em psicologia clínica. 2022.
- Jung, Carl Gustav. (1991). *Fundamentos de Psicologia Analítica*. Vozes.
- Maciel, C., Carneiro, C. Seixas, L. et al. (2012). Diálogos criativos entre a Arteterapia e a Psicologia Junguiana. Ed. Wak.
- Mussen, P. H. (1967). *O Desenvolvimento Psicológico da Criança*. Zahar.
- Philipini, A. (2011). *Linguagens e materiais expressivos em arteterapia*.
- Pereira A. S. et al. (2018). *Metodologia da pesquisa científica*. [free e-book]. Ed. UAB/NTE/UFSM.
- Porto, G. (2016). Arteterapia. <http://www.infoescola.com/medicina-alternativa/arteterapia/>.
- Prado, G. (2016). Um pouquinho sobre Arteterapia. <http://artedeserpsicologa.over-blog.com/um-pouquinho-sobre-a-arteterapia>.
- Porto, G. (2016). Arteterapia. <http://www.infoescola.com/medicina-alternativa/arteterapia/>.
- Prado, G. (2016). Um pouquinho sobre Arteterapia. <http://artedeserpsicologa.over-blog.com/um-pouquinho-sobre-a-arteterapia>.
- Retondo, M.F.N.G. (2000), *Manual Prático de Avaliação do HTP (Casa-Árvore-Pessoa) e Família*. Casa do Psicólogo.

- Rother, E. T. (2007). Revisão sistemática x revisão narrativa. *Acta Paul. Enferm.* 20 (2). <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>.
- Silva, C. E., & Serbena, C. A. (2021). A teoria dos complexos culturais: uma perspectiva junguiana do social. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 12(1), 158-182.
- Silva, M. L. O. R. et al. (2017). A arteterapia como possibilidade de reencontro de si na relação com outros. *Ciência (in)cena*.
- Soares, M. D. C. (2023). Nise da Silveira e Daniella Pinangé: a interdisciplinaridade da arteterapia. *Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Curso de História da Arte, Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro*.
- Soler, V. T. & Bernardino, L. M. F. (2012). A prática psicanalítica de Françoise
- Sunderland, M. (2005). O valor terapêutico de contar histórias para as crianças: pelas crianças. São Paulo.
- Toassi, R. F. C. & Petry, P. C. (2021). Metodologia científica aplicada à área da Saúde. (2ed.). Editora da UFRGS.
- Valladares, A. C. A. (2008). A Arteterapia Humanizando os Espaços de Saúde. Casa do Psicólogo.
- Velly, A. M. F. (2012). Alienação Parental: uma visão jurídica e psicológica. Portal de e-governo, inclusão digital e sociedade do conhecimento.
- Velly, A. M. F. (2021). Alienação Parental: Uma Visão Jurídica e Psicológica. IBDFAM. <https://ibdfam.org.br/artigos/666/Aliena%C3%A7%C3%A3o+Parental%3A+Uma+Vis%C3%A3o+Jur%C3%ADdica+e+Psicol%C3%B3gica>
- Vieira Filho, H. (2021). Fotopsicoterapia: A Fotografia Como Instrumento Terapêutico. Henrique Vieira Filho.
- Wak. Philippini, A. (2011). Grupos em Arteterapia. Redes criativas para colorir Vidas. Wak. Philippini, A. (2018). Linguagens e Materiais Expressivos em Arteterapia: Uso, indicações e propriedade.. Wak.
- Yin, R. K. (2015). O estudo de caso. Ed. Bookman.